

A luz verde do Morro Vermelho: a elaboração da experiência do sobrenatural em uma tradicional comunidade mineira

Bernardo Marçolla
Miguel Mahfoud

RESUMO

A partir de depoimentos de moradores de Morro Vermelho (MG) e na perspectiva fenomenológica de pesquisa em Psicologia, procura-se abordar algumas experiências ligadas ao sobrenatural ocorridas naquela região. Pretende-se compreender o modo como tais experiências se estruturam na vida daquela comunidade, procurando-se, ainda, articular tal compreensão com os conceitos de memória coletiva e individual em Maurice Halbwachs e, ainda, com a noção de fontes morais descrita por Charles Taylor.

Palavras-chave: Sobrenatural; Pesquisa fenomenológica; Memória coletiva; Fontes morais.

FORMULANDO UMA PERGUNTA

Situado no município de Caeté (MG), Morro Vermelho é um lugarejo com cerca de 800 habitantes, cujo acesso se faz por uma estrada de terra. Considerado como de relevância histórica, foi cenário da “guerra dos Emboabas”, assim como do “grito do quinto do ouro” (1715). Nos dias atuais, esse povoado mantém fortes características tradicionais, conserva a memória de fatos históricos relevantes e cultiva tradições religiosas como a Festa de Nossa Senhora de Nazaré e a cavallhada.

Dentre as manifestações na comunidade de Morro Vermelho que articulam a tradição, os costumes e a cultura local, interessamo-nos especificamente por aquelas que se referem a acontecimentos “fantásticos” ligados ao contato com a natureza. Assim, teríamos, por exemplo, “luzes verdes que seriam vistas se movimentando nas matas” ou “go-

• Texto recebido em agosto de 2002 e aprovado para publicação em outubro de 2002.

iabeiras a verter água”, conforme relato ao qual tivemos acesso em pesquisas anteriores desenvolvidas na comunidade.

Mas que tipo de experiências seriam essas? Estariam articuladas com uma visão do natural ou do sobrenatural? Até que ponto essas instâncias se tocariam ou se confundiriam na vivência dessa comunidade em particular? Em que medida constituiriam um elemento de tradição ou de identidade dessas pessoas? Qual seria sua relação com a religiosidade existente no local (supondo-se que essa relação exista)? Até que ponto essas vivências estariam na base da relação que essa comunidade estabelece com a natureza?

A escolha de tema tão inusual e pouco ortodoxo se deve ao reconhecimento de como o contato com a esfera da natureza constitui um elemento rico de significações, especialmente no que tange às suas possíveis articulações com elementos culturais e subjetivos. Quando tivemos contato com o relato das experiências que aconteciam em Morro Vermelho, imediatamente nos interessamos por aquilo que a questão poderia representar em termos de articulação entre eventos naturais e produtos culturais. Como veremos mais adiante, nem sempre as suposições iniciais do pesquisador são confirmadas.

AO ENCONTRO DE UM FENÔMENO

Diante de tantas indagações, propusemos abordar a comunidade a partir da perspectiva fenomenológica em pesquisa. Embora modesta em sua amplitude, procuramos realizá-la com todo o rigor e os pressupostos que fazem parte desse olhar. Assim, procuramos acessar a vivência dessa comunidade em relação a tais fenômenos de modo a apreender-lhes o sentido. Segundo Martins e Bicudo (1989), a pesquisa fenomenológica estaria dirigida a significados, buscando expressões claras sobre percepções do sujeito acerca daquilo que está sendo pesquisado. “Ao se concentrar nos significados, o pesquisador não está preocupado com fatos, mas com o que os eventos significam para o sujeito da pesquisa” (p. 93).

Por outro lado, esse aspecto de significação abrange outras esferas que não apenas a individual. Amatuzzi (1996) diz que o vivido seria polissêmico, pois conteria um significado que lhe seria imanente, relacionado ao contexto imediato da ação ou situação do sujeito, assim como manteria relações com outros âmbitos de significados.

Mesmo com todas as suas possíveis variações, uma pesquisa fenomenológica compreenderá, basicamente, um processo que começa na subjetividade do pesquisador – através de sua intenção de pesquisa –, percorre o caminho da investigação de um vivido e de suas significações, concorrendo, finalmente, para a comunicação dessa compreensão, na forma de um relato dirigido a interlocutores.

Existiriam muitas maneiras de se trabalhar com os depoimentos colhidos, cuja estrutura subjacente, contudo, seria semelhante. Esta, segundo Amatuzzi (1996, p. 8), poderia ser descrita da seguinte forma: 1) “Sintonização com o todo do vivido” – que seria a intuição da essência presente no material, ainda em nível pré-verbal; 2) “Encontro dos

elementos experienciais” – seriam as unidades temáticas emergentes, ou seja, a captação de elementos de significado do vivido que, articulados, diriam do significado global; 3) “Síntese ou articulação final” – seria “redizer” o fenômeno como ele aparece, em seu sentido. Esse momento pode ser seguido de uma confrontação com modelos teóricos existentes ou estabelecidos em outras pesquisas.

Em termos práticos, propusemos colher alguns depoimentos na comunidade e analisá-los segundo a perspectiva fenomenológica, procurando sempre manter-nos abertos para aquilo que o fenômeno estava a nos revelar, a fim de que apenas em um segundo momento pudéssemos proceder a uma articulação com nossas hipóteses e perguntas iniciais. Nessa etapa, também seria interessante recorrer a teorias explicativas que visassem, não a esgotar a riqueza evocada pelo fenômeno em si, mas a abordá-lo e confrontá-lo com as mesmas, no sentido de, inclusive, problematizá-las.

A coleta de depoimentos aproveitaria a grande mobilização que se dá por ocasião da festa de Nossa Senhora de Nazaré.¹ Participando de tal momento, tivemos a oportunidade de entrevistar algumas pessoas da comunidade.

Procuramos acessar a vivência dessas pessoas em relação aos temas citados. Um caminho interessante seria interrogá-las sobre fatos concretos narrados anteriormente. Assim, pensamos que a luz verde e a goiabeira seriam ótimos pontos de partida. Mas apenas pontos de partida. Através do relato desses acontecimentos, perguntaríamos sobre outros que julgassem semelhantes ou da mesma natureza. A cada relato, nossa intenção foi escutá-los acerca do significado atribuído ao fenômeno, tendo como eixo a questão do natural e do sobrenatural. Apesar de nos guiarmos a partir desse eixo, era nossa intenção, da mesma forma, manter-nos abertos a outras significações que poderiam surgir ao tomarmos contato com os depoimentos. Entretanto, era impossível para nós, naquele momento, dizer que outras significações seriam essas: elas teriam que surgir.

DEPOIMENTOS: DIANTE DAS VIVÊNCIAS DO OUTRO

Os depoimentos que obtivemos foram ricos em diversidade, se tomarmos como referência a maneira como os sujeitos se colocaram diante da temática proposta e da situação de entrevista. Convidadas a falar sobre fatos de tal natureza fantástica, as pessoas reagiam de diferentes modos.

Conversamos com o senhor Nivaldo, professor na região. Diante do convite a falar sobre os fenômenos “fantásticos”, reagiu, a princípio, situando-os na história da comunidade, como parte da vivência dos moradores mais velhos. Não pareceu implicar-se pessoalmente com tais experiências, antes narrando-as como cultura e experiência da comunidade. Para explicar os fenômenos recorreu à ufologia (no caso das luzes avistadas) e a

¹ Essa festa é realizada anualmente nos dias 7 e 8 de setembro. Os dados foram coletados em 1999, quando tivemos a oportunidade de colher o depoimento de quatro pessoas da comunidade.

conhecimentos científicos (no caso da árvore). Quando, entretanto, relatou uma experiência que vivenciou pessoalmente, sua explicação deslocou-se para uma conexão com a religiosidade local.

Outra pessoa com quem conversamos foi o senhor José, de aproximadamente sessenta anos, que, convidado a falar sobre luzes vistas nas matas, fez um relato de sua experiência pessoal diante de tal fato, confirmada pela experiência de outros – amigos e familiares. Um sentido explicativo era ensaiado, tendo como referência a cultura religiosa local. Algo de misterioso, entretanto, ainda perpassava tais experiências.

Então é isso o que eu tenho a dizer pra você. O que eu já vi, você entendeu? Vi assim, não vi ninguém pondo. Você entendeu? Eu não vi ninguém pondo. E até hoje, os mais velhos do que eu, já falam comigo. Então isso é uma coisa que sempre passa.

Outras vezes, a explicação do outro, apesar de considerada, não leva a uma certeza absoluta acerca do fenômeno. Novamente aqui, algo da ordem do mistério permanece.

Isso é o que eu já ouvi falar, eu não tenho certeza.

As explicações geralmente derivam de aspectos da religiosidade, de modo a conferir um sentido ao vivido. Assim, por exemplo, associa-se a época em que se vêem as luzes ao calendário das festas religiosas da comunidade; sua ocorrência se explica, portanto, em referência ao contexto religioso local.

O senhor José propôs possibilidades muito interessantes de elaboração desse tipo de experiência. No seu depoimento, ficou claro que aquilo que não foi objeto de sua experiência pessoal (no caso, a goiabeira) não pode ser objeto de sua fala. Aquilo que não foi visto não pode ser confirmado – em nenhum momento, entretanto, é negado.

Outro elemento rico que surgiu nesse depoimento foi a possibilidade de se conceder o estatuto do mistério a alguns fenômenos. Existe algo – que se refere a uma manifestação divina – que não cabe ao homem explicar. Sua própria ocorrência basta. Acontece que, ainda que a experiência tenha caráter de realidade irrefutável, sua explicação parece não poder transcender esse vivido. Mesmo diante da “imprudente insistência” do entrevistador, algo não necessita ser explicado – é como se a sua própria ocorrência bastasse:

Ah, sei não... Isso aí eu não tenho explicação pra dar pra você. Num tenho. Você entendeu? Essa exp... sinceramente, num tenho. [Mas o que você imagina, assim, que pode ser?]² Olha... eu num sei, eu... Que é uma coisa difícil... Eu vou te falar pra você, bem... porque isso só pode ser uma coisa de Deus. Não é isso? Então a coisa de Deus, eu não posso dizer nada. Certo? Então, entre eu e você, é fácil. Você queira falar comigo ou num queira, mas uma hora ou outra talvez você fala comigo: “Ô José é isso, é isso”, né? Mas as coisas de Deus é difícil. Então é isso o que eu tenho a dizer pra você. O que eu já vi, você entendeu?

Charles, um jovem da comunidade, atendeu à nossa demanda por depoimentos, mas, diante da temática proposta, não se mostrou muito aberto. Seus interesses – naqueles

² Questão formulada pelo entrevistador.

dias de festa – eram outros, mais relacionados ao acontecimento em questão. Charles nos indicou sua avó como alguém que poderia nos contar muitos casos – que ele próprio não saberia dizer. Em nenhum momento teria vivenciado tal sorte de fenômenos.

O último depoimento que colhemos foi do senhor José Leal, que coordena a banda da cidade. Para atribuir sentido aos acontecimentos a que nos referíamos, utilizava elementos relacionados à religiosidade local, algumas vezes formulando teorias próprias, referenciado em tal contexto, outras vezes utilizando elementos de tradição oral local.

Consideramos reveladora uma passagem em que, falando sobre o desaparecimento de certos fenômenos “fantásticos” a partir da chegada da luz elétrica, perguntamos como ele relacionava esses fatos e sua resposta foi:

O próprio Jesus Cristo fala que ele é a luz do mundo, né? Então aonde tem a luz o mal desaparece, né?

Essa passagem nos diz não apenas do recurso ao universo cultural próprio do sujeito para interpretar os elementos da sua experiência. Revela-nos também como, nessa comunidade em particular, o conhecimento religioso constitui base referencial.

Um exemplo um pouco distinto nos é dado numa passagem em que o depoente narra a experiência de encontro com um lobisomem. A experiência é do próprio sujeito, mas ele recorre a teorias que não são de sua autoria para explicar tal fenômeno:

O lobisomem... ele... na herança de nossos antepassados, eles falam que é uma sina que os filhos às vezes têm, né?

Também nesse depoimento surge a incerteza em relação ao que o outro diz. A fala do outro é considerada, mas não tida como certeza.

Olha... que eu já vi falar... então é como diz o ditado: a gente vende pelo preço que a gente comprou... Não é isso?

A certeza só é dada pela experiência vivida – aquilo que é ouvido é levado em consideração, mas como suposição e probabilidade, não certeza. Talvez tal fato se deva ao desconhecimento daquele que foi o emissor da mensagem. Não se tem, exatamente, em quem confiar – o conhecimento já se tornou impessoal. Saber quem falou parece conferir credibilidade ao que foi dito. Esta outra passagem é significativa a esse respeito:

... outra hora eu num tenho muita certeza não, mas é... já num sei quem falou... de vez em quando eu falo assim, quando a gente não sabe quem falou primeiro, eu uso falar “ah, um passarinho me contou”... [ri] “Um passarinho me contou” quando a gente não sabe o princípio de... mas falam... que... é...

Com tais depoimentos, pudemos ter acesso àquilo que constitui a alma de qualquer pesquisa: a busca pelo novo, pelo desconhecido. Uma pesquisa não se presta a dizer aquilo que o pesquisador acha que já sabe, mas a apontar novos rumos. E foi o que aconteceu.

A EXPERIÊNCIA E AS SIGNIFICAÇÕES

Se estávamos preocupados em verificar como as categorias do natural e do sobrenatural eram articuladas nessa comunidade a partir de acontecimentos “fantásticos”, não foi exatamente essa articulação que encontramos.

Ficou claro que a categoria do natural – para nós ligada a preocupações ecológicas e fatos ligados à natureza em si – não fazia parte das preocupações daquela comunidade. Para nossa referência cultural, a explicação plausível de um fenômeno consiste, na maior parte das vezes, em uma argumentação fundamentada nos fenômenos físicos próprios das ciências da natureza; para eles, de modo diverso, a plausibilidade é dada por uma compreensão advinda da lógica religiosa.

A luz que é vista poderia, para nós, ser explicada de maneira “lógica” em termos de algum fenômeno gasoso. Nessa comunidade, entretanto, a lógica é outra: a luz explica-se perfeitamente quando, por exemplo, significa que um padre, antigo morador da região, está a procurar uma chave perdida com o auxílio de uma vela. Essas seriam explicações perfeitamente plausíveis para essas duas culturas. Deparamo-nos assim com a alteridade, esse exercício tão difícil e enriquecedor.

O nosso eixo de análise anterior, a articulação entre o natural e o sobrenatural, desloca-se para outro eixo: a articulação entre o religioso e o sobrenatural. Mas, para além desse eixo de análise, um outro nos foi colocado a partir dos depoimentos: a articulação entre a experiência vivida e a experiência de outros.

Conseguimos compreender a elaboração da experiência dessa comunidade diante de tais fenômenos de modo a identificar como movimentos distintos se sucedem, dando origem a um fluxo harmonioso. A partir desses elementos, pudemos ainda levantar algumas categorias que dizem da relação com esses fenômenos:

Com relação ao modo de contato, encontramos dois modos básicos, a saber:

- 1) Experiência vivida: o sujeito presenciou o fenômeno pessoalmente;
- 2) Experiência narrada: o sujeito tomou contato com o fenômeno através de relatos da comunidade.

A partir do contato com tais fenômenos – seja através de experiência vivida ou narrada – os sujeitos se empenham, na maior parte dos casos, em um trabalho de elaboração de sentido. Este, por sua vez, pode se dar de algumas formas:

- 1) Interpretando a própria experiência com base na religiosidade local (vivido);
- 2) Formulando teorias a partir de relatos orais, ligadas ao contexto religioso (narrado);
- 3) Não explicando – aceitando o mistério (vivido).

Note-se que “mistério” figura apenas na última possibilidade. Entretanto, mesmo nas possibilidades anteriores, com a formulação de teorias, algo do mistério parece fazer parte do fenômeno e necessita ser preservado.

A partir do contato com uma experiência que, por sua vez, sofre um trabalho de elaboração de sentido visando a uma compreensão, o resultado final é a plausibilidade ou

não da própria significação da experiência. Também aqui encontramos algumas possibilidades:

- 1) Certeza da experiência e da explicação;
- 2) Certeza da experiência com explicação possível;
- 3) Possibilidade da experiência e da explicação;
- 4) Certeza da experiência e impossibilidade de explicação – aceitação do mistério.

Nota-se, a partir de tal movimento de análise, que tais categorias não se diferenciam rigidamente entre si, mostrando-se, antes, como um *continuum* de um processo que diz da elaboração da experiência pessoal e da sua transmissão em forma de cultura. Combinam-se, portanto, de diferentes modos, conferindo grande riqueza às possibilidades de elaboração da experiência (Tab. 1):

Tabela 1
Categorias encontradas nos depoimentos, que relacionam o modo de contato, a elaboração de sentido e a plausibilidade dos fenômenos

Modo de contato	Elaboração de sentido	Plausibilidade	Exemplos (depoimentos)
1 Experiência vivida	Interpretação da própria experiência com base na religiosidade local (experiência vivida)	Certeza da experiência e da explicação	[Entrevistador: E você me falou que, desde que chegou a luz elétrica, ela não tem aparecido, né?] “Não, não”... [Entrevistador: Como é que você relaciona isso?] “Eu relaciono é que a energia (...)” ³ o próprio Jesus Cristo fala que ele é a luz do mundo, né? Então aonde tem a luz o mal desaparece, né?”
2 Experiência vivida	Teorias a partir de relatos orais, ligadas ao contexto religioso (experiência narrada)	Certeza da experiência com explicação possível	“Eles falam, mas... essa aí eu não tenho bem assim, explicação a dar pra você. (...) Pois é... eu também já vi falar, e eu já vi essa luz, e a pessoa falou comigo que isso é a Mãe do Ouro”.
3 Experiência narrada	Teorias a partir de relatos orais, ligadas ao contexto religioso (experiência narrada)	Possibilidade da experiência e da explicação	“Isso é o que eu já ouvi falar, eu não tenho certeza.” “O pessoal daqui achava que do sacrário, que afinal eu não sei nem explicar pra você se é como que é”.
4 Experiência vivida	Não explica – aceita o mistério (experiência vivida)	Certeza da experiência e impossibilidade de explicação – aceitação do mistério.	“Mas as coisas de Deus é difícil. Então é isso o que eu tenho a dizer pra você. O que eu já vi, você entendeu?”

³ Trecho inaudível no momento da transcrição.

UMA LEITURA TEÓRICA

A partir de tal movimento, somos remetidos a alguns conceitos básicos acerca do pensamento de Maurice Halbwachs (Schmitd e Mahfoud, 1993) que, do nosso ponto de vista, pode nos oferecer um instrumento interessante para aprofundar nossas questões com base na compreensão que obtivemos com os depoimentos. Temos contato, então, com uma concepção de memória coletiva relacionada à experiência pessoal.

Para esse autor, o trabalho de memória é sempre uma construção do grupo, mas também do sujeito. O indivíduo retoma os modos de pensamento e experiência próprios da comunidade a que pertence. Ao mesmo tempo em que a lembrança está inserida em um processo social específico, ela também é sustentada pelo apego afetivo a uma comunidade. A comunidade deve ser, antes de tudo, uma comunidade afetiva, para que a lembrança permaneça, permitindo a identificação do sujeito com a mentalidade do grupo no passado, podendo inclusive prescindir de sua presença concreta. Assim, o sujeito pode retomar as capacidades de pensar e lembrar, tal como fazem os membros daquele grupo.

Para Halbwachs, a lembrança traria em si os movimentos de reconhecimento e reconstrução. Enquanto o primeiro estaria relacionado ao “sentimento do já visto”, o segundo implicaria uma repetição de acontecimentos do passado de forma não linear, configurando um resgate desses acontecimentos no contexto atual. Tal repetição seria localizada em um conjunto de relações sociais com um tempo e um espaço próprios.

A memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os “quadros sociais” nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si. (Schmitd e Mahfoud, 1993, p. 289)

O pensamento de Halbwachs também aborda a questão do confronto de testemunhos, ou seja, o fato de que o depoimento do outro apoiaria e complementaria o trabalho de memória. Num primeiro nível de testemunho, o indivíduo se depara consigo mesmo, confrontando suas visões atuais com experiências passadas ou opiniões formadas anteriormente com a participação de outros. Em um segundo nível, ocorre o diálogo entre o indivíduo e o outro, ainda que este último esteja apenas internalizado, de forma que uma compreensão maior possa surgir a partir do confronto com diferentes pontos de vista.

A partir do desenvolvimento de tal raciocínio, somos levados a compreender que:

A memória individual pode ser entendida, então, como um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas. Analogamente, a memória coletiva propriamente dita é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. (Schmitd e Mahfoud, 1993, p. 291)

Compreende-se, pois, que não se pode separar memória individual e coletiva, pois ambas estão intrinsecamente relacionadas.

No contato com a comunidade de Morro Vermelho, pudemos perceber o modo como a experiência pessoal é elaborada a partir de todo um quadro de significações co-

letivo. Notou-se também como o resgate de experiências passadas pertencentes a outros membros da comunidade pode servir para confirmar a veracidade de experiências presentes e contribuir para atribuir-lhes sentido. Referindo-se à memória individual, Halbwachs (1990, p. 53) diz:

A memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela...

Por outro lado, apenas o aspecto da tradição oral, ou seja, o conhecimento que é da comunidade mas que ainda não se obteve por experiência própria parece carecer de maior confirmação, ainda que não lhe seja retirado o estatuto de verdade. Porém, não lhe é conferido o estatuto de certeza. Em relação a isso, recorreremos novamente a uma observação de Halbwachs (1990, p. 60): “Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia nossa memória”.

O que parece ficar claro é que as experiências se organizam através da articulação entre presente e passado, individual e coletivo. Quando essa integração é possível, quando esses dois pólos estão presentes, a significação da experiência parece ocorrer de modo mais tranqüilo.

Entretanto, algumas questões permanecem: a elaboração da experiência pessoal, se ligada à experiência coletiva, seria circunscrita à comunidade de Morro Vermelho? Ou seja: o contato dos moradores daquela comunidade com pessoas de outras regiões – no caso de trabalharem fora, por exemplo – teria contribuições significativas para a elaboração de sua experiência? Ou tal fenômeno seria circunscrito às suas relações com Morro Vermelho? Tal indagação cabe porque, apesar de ser uma comunidade com características tradicionais, seus habitantes têm tido cada vez mais contato com outros contextos culturais.

Foi justamente pensando na relação entre tradição e modernidade que adotamos as contribuições de um outro autor – Charles Taylor (1997) – quando este trata da construção da identidade moderna, tomando como eixo a ética.

Taylor fala do desenvolvimento das fontes morais e do seu papel na constituição da identidade a partir da história da civilização ocidental. Assim, se até a instauração da modernidade – há cerca de quinhentos anos – o sagrado era a fonte moral básica a conduzir não apenas as relações entre os homens mas o seu modo particular de se conceber, com a modernidade outras fontes, como a razão e a natureza, vieram a ter lugar, esta última ligada às capacidades expressivas e ao sentimento humano.

Para Taylor, os conflitos relativos à identidade moderna correspondem à dificuldade de se conciliar essas três grandes fontes morais ainda hoje presentes, que se articulam de diferentes maneiras entre si, excluindo-se ou somando-se. Um eixo de análise, portanto, seria o de considerar como essas três fontes – ou direções, como diz Taylor – se relacionariam entre si.

Historicamente, essas três direções têm-se articulado de modos distintos em tem-

pos e lugares diversos. Várias formas de organização foram possíveis, algumas vezes excluindo uma dessas fontes de modo a articular as restantes de diferentes modos. Seriam inúmeras as possibilidades. O problema que se coloca hoje é justamente o da grande possibilidade de articulação entre esses três elementos e a maneira como o mundo contemporâneo comportaria diversas organizações.

Poderíamos falar em modernidade no tocante a Morro Vermelho? Como dissemos, trata-se de uma comunidade com características tradicionais, mas que tem convivido e está inserida no contexto da modernidade. No seu modo “tradicional” de ser, estaria nos dizendo de uma das organizações possíveis nesse contexto. Partindo de tal pressuposto, interessa pensar como a comunidade estaria articulando as três fontes morais descritas por Taylor.

Na comunidade de Morro Vermelho, nossa intenção era investigar a articulação entre as categorias do natural e do sobrenatural, tendo como referência implícita as fontes descritas por Taylor. No decorrer do processo, entretanto, pudemos verificar que outros elementos estavam sendo articulados ali, a partir daqueles fenômenos. A categoria natureza cedeu lugar a uma relação que ali se estabelecia primordialmente a partir da categoria do sagrado.

Seria justamente a direção do sagrado o elemento principal a organizar a experiência e a identidade daquela comunidade. Mas teríamos ainda uma indagação: e a categoria da razão?

Como a categoria natureza não se encontrava presente, pelo menos da forma como imaginávamos a princípio, restava-nos perguntar das relações que se estabeleceriam entre as direções do sagrado e da razão. Para tal fim, retomamos a questão da plausibilidade.

Na nossa cultura, os fenômenos “fantásticos” normalmente são explicados a partir da natureza, especificamente de uma concepção positivista de natureza. Ou seja, através da ciência – conseqüentemente, da razão.

Quando, entretanto, as explicações da comunidade de Morro Vermelho acerca desses fenômenos se processam em torno de um eixo ligado à sua compreensão do sagrado, essas explicações possuem o mesmo teor de plausibilidade que as anteriores teriam para nós.

Essas observações nos levam a questionar se as categorias do sagrado e da razão possuem uma íntima relação no modo constitutivo dessa comunidade. Poderíamos nos perguntar se o modo como se organiza a sua experiência diria de uma possível resposta aos desafios apontados por Taylor relativos à modernidade: estaria essa comunidade promovendo a difícil articulação entre fé e razão?

Talvez a maneira complementar como essas direções aparentemente contrárias possam se arranjar se mostre mais complicada em sociedades com características marcadamente modernas e menos tradicionais.

DESFAZENDO CERTEZAS

Iniciamos este relato falando de nossa intenção pessoal de pesquisa. Gostaríamos de encerrá-lo com o que pudemos, pessoalmente, apreender. Toda pesquisa é, acreditamos, um trabalho de abertura para o outro, para a alteridade, para o mundo novo que essa dimensão nos oferece. Foi o que aconteceu nesse processo, de várias maneiras.

Como ponto de partida, tivemos que reformular nossas questões e pressupostos, uma vez que a realidade que se nos apresentava era distinta daquela que havíamos idealizado. O próprio processo de pesquisa de campo nos revelou muitas surpresas, desde o estranhamento frente ao universo do outro até o espanto com tamanha abertura diante de nós que éramos estranhos. Foi uma experiência de abertura dos dois lados.

O trabalho de pesquisa é uma experiência de abertura também diante do novo e do desconhecido. Assim como a comunidade de Morro Vermelho se depara com certos fenômenos sobre os quais formula explicações a partir do seu universo cultural, também nós, enquanto “fazedores de ciência”, procedemos a um movimento semelhante.

Ao tomarmos contato com a comunidade, esta se torna objeto de nossa experiência e tendemos a explicá-la a partir do referencial proposto pelo universo cultural acadêmico. Diante da perspectiva fenomenológica em pesquisa, ainda que trabalhemos por nos abrir àquilo que o fenômeno nos apresenta, seria ingenuidade afirmarmos que o fazemos de modo a abandonar todos os nossos pressupostos. Como talvez qualquer outra pesquisa, esta constitui tão-somente uma aproximação do seu objeto, de modo a compreendê-lo um pouco melhor.

Nossa fala, nesse sentido, não deve ser compreendida como uma crítica aos métodos de pesquisa, mas como o reconhecimento dos seus limites para que o oposto não ocorra: que uma cultura, ao ser abordada por um estudo, não seja reduzida à compreensão que seus pesquisadores obtêm a seu respeito. Isso seria desconsiderar a riqueza de qualquer cultura. E não é essa a nossa intenção.

Talvez devamos, a exemplo da comunidade de Morro Vermelho, conviver também com o estatuto do mistério, ainda que, exaustivamente, ensaiemos respostas para dele dar conta. Porque, a despeito de tudo, ele há de permanecer – como diriam em Morro Vermelho –, “graças a Deus”.

ABSTRACT

The study focuses on depositions of residents in Morro Velho (MG), describing “supernatural acts” which occurred in that region. The methodology of study follows a phenomenological perspective of research in Psychology. The objective is to observe the integration of the perceived acts into the experience of the community and to report with: 1) the concepts of individual and collective memory by Maurice Halbwachs; and 2) the notion of moral fountains described by Charles Taylor.

Keywords: Supernatural acts; Phenomenological research; Collective memory; Moral fountains.

Referências bibliográficas

AMATUZZI, Mauro Martins. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de Psicologia**. v. 13, n. 1, p. 5-19, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/ Editora Revista dos Tribunais, 1990, cap. 2.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. A modalidade fenomenológica de conduzir pesquisa em psicologia. In: **Pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Morais, 1989, p. 91-110.

SCHMITD, Maria Luisa Sandoval e MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**. São Paulo, 4 (1/2), p. 285-298, 1993.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola, 1997.